



Agroecologia e saúde em horta comunitária: Intercâmbio de saberes e fazeres com comunidades acadêmica e não acadêmica

Renan Nery Pereira¹, Joyce Mendes Paim², Ítalo Nascimento de Carvalho¹, Patrícia Petitinga Silva³

Resumo: As universidades caracterizam-se pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A extensão realiza conexões entre a academia e a comunidade não acadêmica, proporcionando trocas, construções e remodelações de saberes e fazeres. Assim, objetiva-se relatar, neste trabalho, as experiências vividas na Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), intitulada "Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazeres", componente curricular ofertado pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, durante o segundo semestre de 2019. Trata-se de um relato de experiências vivenciadas no Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque), no bairro da Caixa D'água, em Salvador. Foram 15 encontros, envolvendo 51 estudantes, 3 professores e 2 colaboradores da Escola, a professora responsável pelo componente na universidade, 17 universitários de diferentes cursos e, em alguns encontros, estudantes e professores de outras instituições. Os encontros dividiam-se em dois momentos: atividades práticas na horta da Escola e reuniões para debates transdisciplinares, mas também ocorreu a participação em eventos ao longo do semestre. Tais atividades evidenciaram o esforço da ação curricular em fomentar a ecologia dos saberes, propondo o diálogo horizontal entre Escola e Universidade, a inclusão de saberes e fazeres historicamente marginalizados e a construção de conhecimentos. A adoção de uma metodologia horizontalizada permitiu a formação ampliada dos participantes, de forma transdisciplinar, como ferramenta para a educação em saúde, incentivando a autonomia dos sujeitos e difundindo conhecimentos agroecológicos. A realização desta atividade possibilitou a (re)construção de uma horta comunitária, a reflexão coletiva sobre a importância destes espaços, o respeito a conhecimentos tradicionais e a construção de saberes a partir da transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Horta Comunitária; Transdisciplinaridade; Educação Superior

Agroecology and health in a community garden: Exchanging knowledge and practices with academic and non-academic communities

Abstract: Universities are characterized by the inseparability of teaching, research, and extension. The extension connects academia and the non-academic community, providing exchanges, constructions, and remodelings of knowledge and actions. This paper aims to report on the experiences of the Curricular Action in Community and Society (ACCS), entitled "Community Garden: Exchange of Knowledge and Practice", a curricular component offered by the Institute of Biology at the Federal University of Bahia, during the second semester of 2019. The experience was conducted at the Carneiro Ribeiro Educational Center (Park School) in the Caixa D'água neighborhood of Salvador (Bahia State, Brazil). There were 15 meetings involving 51 students, three teachers and two collaborators from the school, the teacher responsible for the component at the university, 17 university students from different courses, and, in some meetings, students and teachers from other institutions. The meetings were divided into practical activities in the school vegetable garden and meetings for transdisciplinary debates, but there was also participation in events throughout the semester. These activities highlighted the curricular action's efforts to foster the ecology of knowledge, proposing a horizontal dialogue between the school and the university, the inclusion of historically marginalized knowledge and ways of doing things, and the construction of knowledge. Adopting a horizontal methodology allowed the participants to be trained in a transdisciplinary way as a tool for health education, encouraging the subjects' autonomy and spreading agroecological knowledge. This activity enabled the (re)construction of a community garden, collective reflection on the importance of these spaces, respect for traditional knowledge, and the construction of knowledge based on transdisciplinarity.

Keywords: University Extension; Community Vegetable Garden; Transdisciplinarity; Higher Education

*Originais recebidos em
19 de março de 2023*

*Aceito para publicação em
21 de julho de 2023*

1
Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Brasil

2
Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Brasil

(autora para correspondência)

paim.joycem@gmail.com

3
Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia (UFRB), Brasil

Introdução

As universidades são instituições multidisciplinares que desempenham importantes papéis no desenvolvimento humano, científico, tecnológico, político e cultural da sociedade contemporânea. Elas são responsáveis pela formação profissional, crítica e ampliada dos indivíduos, e estão estruturadas em três grandes pilares indissociáveis: o ensino, a pesquisa e a extensão (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988). Esses três pilares interdependentes são considerados uma premissa orientadora da qualidade da produção universitária, pois expõem quão necessária é a construção de um fazer universitário tridimensional, com competência, autonomia e ética (Borato et al., 2018).

Nesse sentido, segundo Filadelfi et al. (2018), o processo de ensino constitui-se na apresentação, às novas gerações, de conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade, cabendo aos estudantes a sua apropriação e aprendizagem. Esses conhecimentos devem estimular um alto nível de reflexão crítica da realidade vivenciada pelos estudantes, partindo da condição de sujeito e agente de seus contextos sócio-histórico-culturais e implicando-os no meio em que vivem (Santos & Santos, 2019). Nas universidades e outras Instituições de Ensino Superior (IES), o ensino é normalmente realizado em salas de aula, laboratórios e em atividades de monitoria, por exemplo.

A pesquisa acadêmica, por sua vez, configura-se como um conjunto de atividades orientadas e planejadas, visando ao aprofundamento de conhecimentos existentes e a busca por novos conhecimentos, o que permite a materialização de epistemologias, a partir de novos estudos baseados em problemáticas que afligem a sociedade (Bonassina & Kuroshima, 2021). A produção acadêmica é o seu principal resultado e está vinculado aos conhecimentos tácitos – advindos das vivências – e formais. Além disso, para De Paula et al. (2019), a pesquisa também seria um produto natural do amadurecimento do ensino, podendo ser considerada um exercício de maturidade científica e sociocultural que sustenta o ensino superior. Em grande parte das IES, são desenvolvidas pesquisas – em diversas áreas do conhecimento – que são encorajadas por meio de programas de iniciação científica e pelos trabalhos de conclusão de curso, além de outros projetos desenvolvidos pelos docentes.

As atividades de extensão – foco do presente trabalho – são as principais responsáveis pela realização de conexões entre a academia e a comunidade não acadêmica. Definida pelo Plano Nacional de Extensão Universitária como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade” (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras [Forproex], 2012, p. 16), a extensão configura-se na relação entre universidade e a sociedade em que está inserida, sendo um importante instrumento que possibilita a retroalimentação do ensino e da pesquisa (Bonassina & Kuroshima, 2021).

É necessário salientar que as práticas extensionistas não devem promover apenas a transmissão de conhecimentos, mas visar, principalmente, uma transformação social, proporcionando trocas de saberes e fazeres entre setores populacionais sabidamente distintos. Os participantes dessas atividades são estimulados, nesse sentido, a se tornarem agentes críticos e modificadores da realidade social na qual encontram-se inseridos, independente de pertencerem ou não ao espaço universitário. O processo extensionista representa, como sustentado por Anastasiou et al. (2018), uma formação mais humanizada, na medida em que permite a realização de trocas recíprocas e significativas de epistemologias entre a IES e a comunidade não acadêmica. Ademais, a extensão oportuniza o desenvolvimento acadêmico e científico de discentes e docentes vinculados às ações, as quais visam transcender os limites didático-pedagógicos impostos pela perspectiva tradicional de ensino para a valorização da transdisciplinaridade, como será detalhado mais adiante.

Nesse viés, a Universidade Federal da Bahia, por intermédio da Resolução Nº 01/2013, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), instituiu a Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) como componente curricular disponível para os cursos de graduação e pós-graduação. Este componente promove a interseção de estudantes e professores da universidade com grupos da sociedade, desenvolvendo ações de extensão e possibilitando o intercâmbio, a construção e a remodelação de saberes sobre a realidade, visando a transformação dos sujeitos (Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão [CONSEPE], 2013; Rocha & Silva, 2015).

A ACCS é dotada de características comuns aos demais componentes da universidade, quanto à criação, oferta e matrícula. Todavia, diverge dos demais componentes, por permitir maior liberdade no processo construtivo e metodológico de temáticas e de questões referentes ao conteúdo programático. De acordo com a Resolução Nº 01/2013, do CONSEPE, o componente curricular deve ser desenvolvido a partir de uma perspectiva dialógica, participativa, formativa e compartilhada, por meio de intervenções inter e transdisciplinares em comunidades da sociedade, na busca cooperada de alternativas para o enfrentamento de problemáticas que emergem da realidade contemporânea (CONSEPE, 2013).

A ACCS contribui para a formação dos estudantes, ao colocá-los em contato com o conhecimento não acadêmico e com visões de mundo diferentes daquelas promovidas nos componentes curriculares convencionais, incluindo outras perspectivas sobre temas centrais às áreas de formação. Este contato possibilita estimular atitudes de respeito e tolerância a diferentes epistemologias, além de promover o desenvolvimento de habilidades de diálogo com detentores de diferentes saberes.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é relatar experiências vividas na ACCS intitulada “Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazer”, componente curricular ofertado pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e analisar as contribuições deste componente para a formação discente. Essa ACCS foi pensada para que estudantes universitários pudessem ter contato direto com saberes práticos da comunidade de alunos e colaboradores da horta comunitária do Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque), em Salvador - Bahia, a partir de uma experiência imersiva, vivenciando a atmosfera de colaboração, os dilemas e as contradições que surgem do contato entre diferentes visões de mundo, sobretudo no que se refere à construção de um espaço comum de cultivo de hortaliças e frutas.

Metodologia

Esse estudo configura-se como um relato de experiências no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, mais especificamente no Núcleo de Jardinagem (NUJA) pertencente à instituição. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro foi idealizado e fundado em 1950 por Anísio Teixeira, que sonhava em recuperar a escola primária oficial, dando-lhe condições para melhorar a qualidade do ensino e ampliar o tempo de permanência das crianças na escola.

O Centro é constituído pelas Escolas-Classe, onde são desenvolvidas atividades convencionais de ensino e aprendizagem em um turno, e pela Escola Parque, onde os alunos realizam oficinas diversas (nas áreas de artes, esportes, culinária, informática, entre outras) no contraturno. As atividades realizadas na Escola Parque também estão abertas a parentes em primeiro grau dos estudantes matriculados na rede estadual. Assim, é possível reconhecer a relevância da Escola Parque como um ambiente de educação especial, em que os estudantes da rede estadual podem entrar em contato com pessoas de diferentes idades e vivências, contribuindo para uma formação integral e ampliada. Entre as oficinas oferecidas na Escola Parque, há a oficina de Horta Comunitária, realizada pelo NUJA.

O relato apresentado neste trabalho foi construído a partir da análise de registros realizados por professores e pelo monitor do componente curricular, durante os encontros na escola, que ocorreram no segundo semestre de 2019. Em seus registros, o monitor fez descrições das atividades desenvolvidas, seguidas de reflexões críticas elaboradas em momento posterior aos encontros.

A equipe executora do projeto era composta, sumariamente, por três docentes graduados em Ciências Biológicas: dois professores da Escola Parque - um mestre em Ecologia e um mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências - e a professora idealizadora do projeto e responsável pelo componente na universidade, doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Além disso, a equipe abrangia 2 colaboradores da Escola Parque e 17 estudantes de diferentes cursos de graduação da UFBA, tais como Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, Bacharelado Interdisciplinar em Artes, Ciências Biológicas, Engenharia Ambiental, Gastronomia e Nutrição.

Atividades desenvolvidas

As atividades da ACCS foram desenvolvidas em 15 encontros, contando, além da equipe executora do projeto, com 51 estudantes matriculados nas oficinas do NUJA e, em alguns encontros, estudantes e professores do Instituto Federal da Bahia (IFBA) e do Colégio Estadual Duque de Caxias.

Nos encontros da ACCS realizados na Escola Parque, as atividades foram divididas em dois momentos, envolvendo todos os participantes. No primeiro momento, foram realizadas atividades práticas na horta da escola. No segundo momento, discentes da UFBA apresentaram temáticas que envolviam questões sociais, ambientais, econômicas e de saúde, que eram debatidas por todos em rodas de conversa, de forma lúdica e participativa. Em ambos os momentos, buscou-se fomentar a reflexão sobre questões ambientais, sociais, culturais e nutricionais, visando à melhoria da qualidade de vida dos participantes pela aquisição de hábitos alimentares conscientes e noções sobre agroecologia, não apenas como forma de cultivo, mas também como um estilo de vida.

Além dos encontros realizados na Escola Parque, houve um encontro que ocorreu na UFBA para a participação no Primeiro Encontro da Rede PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais) Bahia. A seguir, serão descritas e analisadas as atividades realizadas durante o percurso da ACCS.

Atividades no Núcleo de Jardinagem da Escola Parque

Os alunos da ACCS, juntamente com os estudantes da Escola Parque matriculados no NUJA, iniciavam as práticas do encontro semanal regando as plantas e recolhendo as folhas caídas de árvores com a ajuda de um rastelo. Após essas atividades, os estudantes da ACCS, os alunos do NUJA, professores e colaboradores da Escola eram divididos em grupos diversos para realizar capinagem, preparo do solo, cultivo, manejo, plantio e colheita de frutas, legumes e verduras. Esses momentos provocavam consideráveis interações entre os estudantes da academia e os alunos e colaboradores da Escola, fomentando trocas significativas de saberes e fazeres entre os grupos.

Somado a isso, os estudantes da ACCS auxiliaram na organização de feirinhas para a venda de mudas e hortaliças na instituição, fortalecendo o contato com a comunidade do bairro em que a escola está inserida, bem como com outros estudantes e colaboradores da Escola Parque.

Outro momento importante de interação entre os diversos participantes do NUJA e da academia foi o processo de (re)construção do minhocário da instituição, que estava desativado há mais de 20 anos. Analisando todos os benefícios que a (re)construção do sistema de vermicompostagem traria para a comunidade da escola e do bairro, os estudantes da ACCS, em conjunto com os representantes comunitários, os professores do NUJA e

outros membros da comunidade escolar, optaram por deliberar a reforma do minhocário de forma autônoma. Assim, dois estudantes da ACCS voluntariaram-se para organizar esse processo, arrecadando contribuições financeiras para a compra do material necessário. Professores, estudantes e colaboradores que conheciam a forma correta de montar o minhocário compartilharam os seus conhecimentos com todos.

O minhocário tem grande importância para toda a comunidade escolar e de seu entorno, pois possibilita o reaproveitamento dos resíduos orgânicos da cantina da Escola, produzindo chorume e húmus, utilizados para a fertilização das plantas da horta da escola e para a venda, por valores simbólicos, nas feiras do Núcleo de Jardinagem. Os valores arrecadados com as vendas são revertidos para a compra de material utilizado no próprio NUJA. Desse modo, ao analisar as atividades desenvolvidas no NUJA, percebeu-se o quão importante foi o intercâmbio de saberes e fazeres durante o semestre.

Rodas de conversa

No segundo momento dos encontros semanais na Escola Parque, após as atividades diretamente ligadas ao NUJA, ocorreram rodas de conversa. Para a realização dessa atividade, a cada semana um grupo de estudantes da UFBA era responsável pela escolha de temáticas a serem discutidas por todos os participantes. O mesmo grupo também era responsável pela metodologia de apresentação das temáticas e mediação das discussões realizadas, com o objetivo de refletir sobre a horta comunitária.

As temáticas escolhidas tinham relação com a formação dos estudantes ou eram aquelas com as quais eles se sentiam mais familiarizados. Foram abordados os seguintes temas: bioecologia de animais peçonhentos e polinizadores; técnicas para a construção e manutenção de minhocário e sistemas agroflorestais; uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na alimentação; uso consciente e moderado de ervas medicinais; efeitos dos agrotóxicos na saúde do ser humano e no funcionamento dos ecossistemas; técnicas de cozimento e armazenamento de alimentos para a preservação de um maior índice de nutrientes.

Em uma das rodas de conversa, houve a participação de uma professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA), realizando uma apresentação sobre "Hortas Urbanas na Cidade do Salvador", na qual foram discutidas questões sobre o meio ambiente, sustentabilidade e cidadania, principalmente focadas na existência e resistência de hortas urbanas em Salvador - Bahia.

Um destaque importante para os momentos de roda de conversa foi a variedade de estratégias adotadas pelos mediadores – seminários, dinâmicas de grupo, questionários e, em alguns casos, experiências gastronômicas. Estas estratégias favoreceram o aprendizado, tendo em vista as perspectivas mais horizontalizadas que foram utilizadas, com maior espaço para diálogos. Nas rodas também foram usados diversos materiais, como alimentos colhidos na própria horta, modelos didáticos sobre as plantas espermatófitas (com descrições das estruturas e órgãos de forma bastante lúdica e visual) e jogos confeccionados para a temática específica da conversa, proporcionando uma dinâmica participativa entre os integrantes do espaço.

Participação em eventos

Durante a ACCS, os participantes – estudantes da UFBA e da Escola Parque, docentes e colaboradores – tiveram a oportunidade de se envolver em três importantes eventos. Um deles foi o Primeiro Encontro da Rede de Plantas Alimentícias Não Convencionais (Rede PANC) na Bahia, realizado na UFBA em setembro de 2019. O evento consistiu em uma série de palestras e minicursos que abordaram questões que permeiam o universo das PANC. A Rede PANC Bahia foi fundada por um professor da UFBA, e objetiva compartilhar conhecimentos e curiosidades a respeito dessas plantas. Durante o encontro, os presentes puderam ter contato com temáticas que corroboravam e complementavam o que vinha sendo discutido nas rodas de conversa: a importância da

soberania alimentar, as questões relativas à fome global e perspectivas para o futuro, o binômio PANC e ancestralidade e a presença ainda não reconhecida dessas plantas em espaços urbanos.

Outro importante evento que contou com a presença dos participantes da ACCS foi a Semana de Ciência e Tecnologia, realizada pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), em outubro de 2019, e que contou com algumas atividades sediadas na Escola Parque. Durante as atividades na instituição, participaram professores e estudantes do Instituto Federal da Bahia, mestrandos de Medicina Veterinária da UFBA, estudantes do Colégio Estadual Duque de Caxias e moradores da região onde está localizada a escola. Debateu-se, durante o evento, a importância da Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei Federal n. 12.305, de 12 de fevereiro de 1998) e os equívocos a respeito do conceito de "lixo", as particularidades da meliponicultura – criação de abelhas sem ferrão – e o processo de compostagem/biodigestão. Ademais, os estudantes da UFBA, vinculados à ACCS, produziram uma oficina sobre a construção de um minhocário, na qual todos os visitantes puderam participar.

Outrossim, os participantes da ACCS também colaboraram na I Mostra de Artesanato da Associação dos Ex-alunos da Escola Parque. O evento contou com a exposição de produtos confeccionados nas diversas oficinas ofertadas pela instituição. O NUJA participou expondo e vendendo diversas mudas previamente preparadas, além de sacos de terra adubada. O valor arrecadado foi destinado para a compra de materiais para a própria horta da escola.

Discussão

Santos e Meneses (2009) apresentam a ecologia dos saberes como um importante instrumento subversivo à hegemonia do cientificismo, principalmente nas universidades. Segundo os autores, esse instrumento consiste no diálogo horizontal entre as epistemologias, uma vez que todo conhecimento é incompleto e necessita de diversos atores e práticas. Dessa forma, a academia não deve ser uma fábrica de diplomas, mas sim um espaço de coexistência de saberes, bem como de valorização e validação da sabedoria popular (Santos & Meneses, 2009).

Analisando a participação dos envolvidos na ACCS, durante as rodas de conversa semanais, foi possível perceber que a Ação Curricular em Comunidade e Sociedade "Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazeres" contribuiu para fomentar a ecologia dos saberes, na medida em que propôs um diálogo horizontal entre a comunidade da Escola Parque e os universitários, promovendo a inclusão de saberes historicamente marginalizados e a construção de novos conhecimentos.

Além disso, foi perceptível a mudança de comportamento dos participantes – anteriormente imersos em seus próprios saberes e fazeres –, que passaram a respeitar o conhecimento do outro e a desejar participar ativamente do componente. Isso se deve, inclusive, ao caráter terapêutico que o contato com a natureza possui – o qual, frente à correria do dia-a-dia, funcionava, muitas vezes, como um refúgio para os participantes. Essa conjuntura possibilitou trocas expressivas entre os participantes, concretizando a proposta do componente.

A partir desse cenário, é possível discutir a realização da ACCS por meio de quatro aspectos: como ferramenta de educação em saúde, como atividade transdisciplinar, como instrumento de incentivo à autonomia e como difusora de conhecimentos sobre agroecologia.

A ACCS como ferramenta de educação em saúde

O Ministério da Saúde (2009) define a educação em saúde como um processo educativo de construção de conhecimentos em saúde, no qual visa a apropriação da temática pela população e a consequente mudança de hábitos para uma melhoria no estado de saúde do coletivo. Contudo, considerando a saúde de forma ampliada e multifacetada – abrangendo dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais, e não apenas

biológicas –, é possível caracterizar a educação em saúde como um processo político pedagógico que estimula a criticidade entre os indivíduos, na medida em que permite uma maior consciência e entendimento sobre a realidade. Nesse processo, há o incentivo ao desenvolvimento de ações transformadoras que possam guiar o indivíduo à conquista de sua autonomia, emancipando-o como sujeito histórico e social capaz de participar das decisões de saúde da sua comunidade, visando cuidar de si e do seu entorno.

Outra vertente da educação em saúde é a educação popular em saúde. Ela destoa da concepção hegemônica presente no conceito de educação em saúde, na medida em que se organiza a partir da aproximação com outros sujeitos no espaço comunitário, privilegiando os movimentos sociais locais, baseando-se em um entendimento de saúde como prática social e global e tendo como princípio norteador os interesses das classes populares (Dias & Amarante, 2022). A construção de saberes nessa vertente se dá a partir da liberdade e da democracia, reconhecendo o conhecimento prévio da população e as interfaces culturais, políticas e ideológicas de cada indivíduo em sua singularidade, na busca da melhoria da qualidade de vida e da saúde do indivíduo.

Nesse sentido, as rodas de conversa e as discussões que permearam as atividades práticas do componente evidenciaram como o intercâmbio de saberes e fazeres era realmente crucial para o entendimento dos conteúdos e para, além disso, a educação em saúde. Conforme supracitado, a educação em saúde é um processo educativo influenciado pelos conhecimentos, atitudes, religiões e comportamentos, sempre em prol da melhoria da qualidade de vida e de saúde dos indivíduos.

Tendo em vista o conceito ampliado de saúde, o qual compreende a saúde como resultado da união dos aspectos biopsicossociais (Rosário et al., 2020), a ACCS permitiu à academia dialogar com outros saberes e fazeres para a construção de estratégias de prevenção e promoção da saúde que superassem as noções biomédicas, como a noção de alimentação consciente, de técnicas de cozimento que preservassem um maior número de nutrientes, de uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais e de formas de uso das plantas medicinais no dia a dia. O objetivo era inspirar as pessoas presentes a mudarem seus hábitos e buscarem uma vida mais saudável.

Além disso, o diálogo provocado na ACCS permitiu aos alunos e colaboradores da Escola Parque ensinarem sobre técnicas de plantio, uso de ervas medicinais no dia a dia, reutilização de restos de alimentos orgânicos e outras práticas de saúde normalmente desconsideradas pelo saber biomédico, atuando como agentes modificadores das percepções pré-concebidas dos alunos da universidade, em um processo de formação ampliada e transdisciplinar.

ACCS como atividade transdisciplinar

A ACCS "Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazeres" foi planejada para ser um projeto transdisciplinar. Esta escolha foi bastante acertada, visto que esta perspectiva é, em conjunto com a interdisciplinaridade, um dos possíveis caminhos a serem trilhados na busca do encurtamento da distância entre a universidade e a sociedade (Follmann, 2014).

Para compreender o conceito de transdisciplinaridade, é preciso primeiro entender o problema da fragmentação do conhecimento. A compartimentalização excessiva do conhecimento pode ser considerada a consequência mais danosa da modernidade, a qual gera uma série de problemas dentro da academia, como competições e sentimentos de superioridade que, muitas vezes, invalidam ou reduzem a importância de outras esferas do saber (Follmann, 2014). Apresentando-se como um crítico a esse movimento contemporâneo, Nicolescu (1999, p. 13) definiu a transdisciplinaridade como "aquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina". Tress et al. (2005) ampliam esta

perspectiva e definem a transdisciplinaridade como projetos que integram pesquisadores acadêmicos de diferentes disciplinas não relacionadas e participantes não acadêmicos, como gestores de terras e o público em geral, com um objetivo comum de criar novos conhecimentos e teorias. Para estes autores, a transdisciplinaridade combina a interdisciplinaridade com uma abordagem participativa.

Sabendo da estrutura fragmentada a qual está sujeito o conhecimento, torna-se difícil pensar em colaboração e produção conjunta entre disciplinas dentro da academia, levando-nos a refletir sobre a seguinte questão: se, dentro da academia, é difícil pensar em colaboração e produção conjunta entre áreas distintas, é possível esperar que a academia consiga se relacionar com os saberes e fazeres não acadêmicos para o intercâmbio de experiências?

Nesse sentido, a proposta da ACCS teve caráter transdisciplinar, como proposto por Moraes (2018) e Tress et al. (2005), buscando relacionar, por meio de abordagem participativa e colaborativa, pesquisadores acadêmicos de diferentes áreas, estudantes de cursos diversos da UFBA e participantes não acadêmicos, como a comunidade da Escola Parque e de seu entorno. Não estávamos supondo que os participantes não acadêmicos não tinham uma formação acadêmica, mas esperando que sua participação na ação pudesse não ter propósitos acadêmicos, e sim de intercâmbio de culturas de conhecimentos. A perspectiva era de que novos conhecimentos pudessem ser produzidos a partir do aporte de diferentes saberes e fazeres, o que, de fato, foi observado.

A ACCS como instrumento de incentivo à autonomia

O professor e filósofo Paulo Freire (1996) sustentava que as relações de ensino e aprendizagem precisam ser permeadas pelo respeito às singularidades referentes a cada indivíduo, bem como pelo incentivo à autonomia dos educandos. Corroborando com essa perspectiva, o componente ACCS "Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazeres" permitiu, em diversas situações, que os estudantes e colaboradores da Escola Parque conquistassem sua autonomia durante a resolução de algumas dificuldades ao longo do percurso das atividades desenvolvidas. Um exemplo disso foi o processo, citado anteriormente, de (re)construção autônoma do minhocário.

Além disso, os professores da escola, bem como a professora responsável pelo componente, concediam liberdade para que os alunos da escola e da universidade pudessem expressar suas opiniões e sugestões a respeito do andamento da horta comunitária e do próprio componente, valorizando também os saberes dos integrantes, saberes esses socialmente construídos na prática comunitária, fortalecendo princípios da pedagogia da autonomia (Freire, 1996).

Nota-se, a partir de tais exemplos, que o componente funcionou como um instrumento de incentivo à conquista da autonomia por parte dos estudantes. Isso se deveu ao fato de o componente ter funcionado com uma metodologia horizontal, experienciada nas atividades práticas e nos momentos das rodas de conversa, uma vez que os participantes possuíam espaço para debater e compartilhar vivências, visando a melhor maneira possível de participar do componente curricular. Como a ACCS não seguiu metodologias de aprendizagem mais tradicionais e transmissivas, as quais tornam-se, por vezes, limitantes, o desenvolvimento da autonomia se deu de maneira bastante satisfatória.

A ACCS como difusora de conhecimentos em Agroecologia

Entende-se por Agroecologia o movimento que luta pelo retorno às concepções agronômicas anteriores às práticas promovidas pela Revolução Verde. Um dos seus principais objetivos é superar os danos causados à biodiversidade e, conseqüentemente, à sociedade, pela monocultura, pelo uso

de transgênicos, de fertilizantes industriais e de agrotóxicos (Camargo et al., 2019). Segundo estes autores, os princípios que se enquadram nesse conceito dizem respeito à prática da agricultura orgânica, aliada ao emprego de tecnologias limpas, diminuindo os impactos socioambientais negativos e o agravamento das desastrosas condições ambientais, políticas, econômicas e sociais causadas pelo modelo de desenvolvimento econômico atual.

Como o nome já sugere, a agroecologia estuda a agricultura a partir de uma perspectiva ecológica, buscando otimizar todo o agroecossistema, incluindo seus componentes socioculturais, econômicos, técnicos e ecológicos. Compreende-se, nessa análise, que a agroecologia não é um conceito estagnado, mas sim uma ecologia dos saberes, composta tanto por conhecimentos científicos quanto por saberes tradicionais oriundos das experiências, das interfaces culturais, dos familiares e das grandes e pequenas comunidades indígenas e/ou camponesas.

Nessa perspectiva, é possível avaliar o componente ACCS "Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazeres" como elemento difusor dos princípios da Agroecologia, visto que foram discutidas questões de soberania alimentar, saúde e ecologia, visando a valorização das diversidades culturais e biológicas, a equidade de gênero, a autonomia dos estudantes e uma visão ampliada com relação ao cuidado à saúde.

Além disso, os estudantes se organizaram para a criação de um Sistema Agroflorestal na Escola Parque. Os Sistemas Agroflorestais (SAF) são sistemas produtivos que proporcionam a potencialização da produção de forma sustentável, respeitando as necessidades socioeconômicas e ambientais (Camargo et al., 2019). Nos últimos anos, identificou-se que os SAFs agregam muitos benefícios, dentre os quais, se destacam a produção sem uso de agrotóxicos, a diversidade produtiva e a melhoria da renda, com maior equilíbrio entre os ganhos econômicos e ambientais, principalmente ao considerar serviços ecossistêmicos prestados à agricultura familiar em áreas de assentamentos rurais (Camargo et al., 2019; Pires et al., 2021). Nesse sentido, Camargo et al. (2019) observaram que os SAFs são uma estratégia essencial no processo de transição da agricultura convencional para a agroecologia, visto que sua construção e seus resultados conseguem reunir uma grande parte ou a totalidade dos princípios agroecológicos, utilizando-os como uma das principais estratégias de construção de um sistema de produção agrícola sustentável.

Considerando que o conhecimento agroecológico se expande por meio da socialização e do compartilhamento de saberes e fazeres entre comunidades, de forma participativa (Pires et al., 2021), é notável que a ACCS fomentou a produção de conhecimentos agroecológicos, os quais, de forma semelhante a uma fileira de dominós, permanecem sendo compartilhados pelos integrantes do componente, que seguem com o potencial para serem agentes transformadores de realidades.

Considerações Finais

Após analisar a trajetória percorrida pelos participantes da ACCS "Horta Comunitária: Intercâmbio de Saberes e Fazeres", foi possível perceber que este componente atendeu a seu principal objetivo de fortalecimento da relação entre a academia e a comunidade não acadêmica. A realização desse componente possibilitou a junção entre tempo e espaço para a (re)construção de uma horta comunitária, levando os agentes participantes a fazerem uma reflexão coletiva sobre a importância deste espaço e do respeito à manutenção dos

conhecimentos tradicionais para que novos conhecimentos possam ser construídos além das barreiras disciplinares.

Conforme dito anteriormente, é papel da universidade fornecer ferramentas para que os estudantes possam realizar atividades de ensino, pesquisa e extensão. As ACCS representam uma estratégia que ratifica o compromisso com as questões sociais resultantes, sobretudo, do contexto sócio-histórico do país e da cidade de Salvador, fortalecendo o dinamismo dos processos de ensino e aprendizagem a partir de intervenções e interações nas mais diversas instâncias da sociedade. A ACCS em questão caracterizou-se como uma ação muito importante na realização de trabalhos efetivos e transformadores no âmbito da extensão. A presença de estudantes de diversas áreas do conhecimento, de pesquisadores em linhas diversas e de vários agentes não acadêmicos fortaleceu o objetivo de realizar uma atividade transdisciplinar.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em especial à Escola Parque, pela confiança e viabilização das atividades no Núcleo de Jardinagem.

Contribuição de cada autor

Todos os autores foram extensionistas do projeto coordenado por P.P.S. Os autores J.M.P. e R.N.P. participaram da concepção, planejamento, análise e interpretação dos dados, sendo os responsáveis, também, pela redação do texto e padronização das normas de acordo com a revista. I.N.C. e P.P.S. contribuíram com a revisão intelectual crítica do texto e adição de partes significativas, enquanto I.N.C. ajudou na organização das atividades que ocorreram no Núcleo de Jardinagem (NUJA) e P.P.S. também atuou como orientadora da construção deste artigo, assumindo a responsabilidade pela aprovação final para a publicação.

Referências

- Anastasiou, H. P., Matos, P. J. S. M., & Souza, R. M. (2018). Possibilidades de contribuições da extensão universitária como um dos pilares de sustentação da universidade pública brasileira. *Revista de Extensão da UFRB*, 15(1), 134-141.
- Bonassina, A. L. B., & Kuroshima, K. N. (2021). Impactos do ensino, pesquisa e extensão universitária: Instrumento de transformação socioambiental. *Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)*, 16(1), 163-180.
- Borato, A., de Sousa Pereira, M. V., Bordin, D., de Souza Martins, A., & Fadel, C. B. (2018). Valoração das práticas de ensino, pesquisa e extensão entre concluintes de Odontologia. *Revista da ABENO*, 18(1), 103-115.
- Camargo, G. M., Schlindwein, M. M., Padovan, M. P., & da Silva, L. F. (2019). Sistemas agroflorestais biodiversos: Uma alternativa para pequenas propriedades rurais. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 15(1), 34-46.
- Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). (2013) Salvador: Universidade Federal da Bahia. Resolução nº 01.
- De Paula, D. P. S., Gonçalves, M. D., de Jesus Rodrigues, M. G., Pereira, R. S., Fonseca, J. R. O., Machado, A. S., ... & Paraíso, A. F. (2019). Integração do ensino, pesquisa e extensão universitária na formação acadêmica: Percepção do discente de enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 33, e549.
- Dias, J. V. D. S., & Amarante, P. D. D. C. (2022). Educação popular e saúde mental: Aproximando saberes e ampliando o cuidado. *Saúde em Debate*, 46, 188-199.
- Filadelfi, A. M. C., Jaskiu, E., de Siqueira, J. C. P., & Tobaldini, G. (2018). A indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão: Realidade, mito ou meta? *Revista Extensão & Cidadania*, 5(9, 10), pp. 1-15.
-

-
- Follmann, J. I. (2014). Dialogando com os conceitos de Transdisciplinaridade e de Extensão Universitária: Caminhos para o futuro das instituições educacionais. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, 11(1), 23-42.
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – Forproex (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Forproex. Recuperado de <https://www2.ufmg.br/proex/content/download/452/2780/file/PNEU.pdf>
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Ministério da Saúde (2009). *Glossário temático: Gestão do trabalho e da educação na saúde*. 1. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde.
- Moraes, M. C. (2018). *Transdisciplinaridade, criatividade e educação: Fundamentos ontológicos e epistemológicos*. Campinas: Papyrus Editora.
- Nicolescu, B. (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo, Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf
- Pires, A. R., do Vale, J. C. E., Weihs, M. L., & Olival, A. de A. (2021). Sistemas Agroflorestais e a mudança na percepção ambiental de famílias agricultoras no Portal da Amazônia. *Revista de Ciências Agroambientais*, 19(2), 114-120.
- Rocha, J. C. de S. da, & Silva, R. N. da. (2015). Atividade curricular em comunidade e sociedade (ACCs) e os povos tradicionais: experiência de campo do curso de direito da Universidade Federal da Bahia. *Revista FIDES*, 6(2), 40-48.
- Rosário, C. A., Baptista, T. W. D. F., & Matta, G. C. (2020). Sentidos da universalidade na VIII Conferência Nacional de Saúde: Entre o conceito ampliado de saúde e a ampliação do acesso a serviços de saúde. *Saúde em Debate*, 44, 17-31.
- Santos, B. de S., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.
- Santos, M. C. E. M., & Santos, P. C. M. de A. (2019). Pesquisa e extensão universitária como sustentação do ensino. *Brazilian Journal of Development*, 5(9), 14345-14360.
- Tress, B., Tress, G., & Fry, G. (2005). Defining concepts and the process of knowledge production. In B. Tress, G. Tres, G. Fry, & P. Opdam (eds.). *From landscape research to landscape planning: Aspects of integration, education and application*. (pp. 13-26). Netherlands: Spring.

Como citar este artigo:

Pereira, R. N., Paim, J. M., De Carvalho, Í. N., & Silva, P. P. (2023). Agroecologia e saúde em horta comunitária: Intercâmbio de saberes e fazeres com comunidades acadêmica e não acadêmica. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 14(2), 201-211.
